

ContraPonto: a música de Salvador numa revista nativa digital para *tablets*¹

Marcelo ARGÔLO²

Suzana BARBOSA³

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Este *paper* detalha a concepção e o processo de produção da revista nativa digital para *tablets* **ContraPonto**. A partir do entendimento de que o jornalismo cultural vive uma crise causada pelo menosprezo das suas peculiaridades em relação às outras especializações do jornalismo, esse projeto experimental apresenta a edição zero ou piloto da **ContraPonto**. A revista é voltada para a música e pretende analisar e abrir discussões sobre as cenas musicais de Salvador. Considera-se esse posicionamento uma das peculiaridades que tem sido menosprezada. Este produto usa das possibilidades e propriedades do *tablet*.

PALAVRAS-CHAVE: revista contraponto, jornalismo cultural, crítica musical, jornalismo em dispositivos móveis, revista nativa digital para *tablet*.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo cultural é a especialização da área que tem como tema as linguagens artísticas, seus produtos e manifestações, além de outras expressões culturais. Compreender as particularidades do jornalismo cultural e a crise que ele vive é essencial para a compreensão da proposta da Revista **ContraPonto**. A escolha por esse nome se deve à polissemia que a palavra carrega. Na linguagem cotidiana, o termo se refere a algo que saia de uma visão comum em algum determinado aspecto. Já na musicologia, o termo denomina uma técnica de composição. Brincar com os dois significados é o objetivo da escolha do termo para batizar a revista.

Inicialmente, o jornalismo cultural pode também ser definido como “a produção noticiosa/análítica de eventos de natureza artística e/ou editorial” (FARO, 2012, p. 14). A crise na produção, com perda de espaço, credibilidade, influência e até a extinção de publicações é, para Daniel Piza (2009), fruto de diversos fatores. Entre os principais está a tentativa de aproximação em método com outras especializações, como o político e o econômico, por exemplo, o que “significa não reconhecer o maior peso relativo da interpretação e da opinião em suas páginas” (PIZA, 2009, p. 8).

A cobertura de música na imprensa, tarefa que cabe à especialização escolhida, se insere como um dos agentes das cenas musicais. Essa expressão surge no jornalismo cultu-

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO07 Produção em Jornalismo digital (avulso/ conjunto ou série).

² Aluno líder e recém-graduado no Curso Comunicação – Jornalismo, email: celo.argolo@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação – Jornalismo, email: suzana.barbosa@gmail.com.

ral e é apropriada na pesquisa acadêmica pelo canadense Will Straw para referir-se ao agrupamento de pessoas em lugares determinados para a articulação de práticas musicais diversas (SÁ, 2011). Esses agrupamentos são formados não somente pelo público, mas também por profissionais como músicos, produtores culturais, representantes de selos e gravadoras e por jornalistas que interagem noticiando, analisando, valorando as produções etc. Com a **ContraPonto**, trago essa ideia de volta para o jornalismo cultural, somada às contribuições da academia, por acreditar na possibilidade de, a partir dela, levantar discussões internas e externas à música.

2 OBJETIVO

A Revista **ContraPonto** é uma proposta de produto de jornalismo cultural voltado para a cobertura das cenas musicais de Salvador. Ela pretende ser uma revista nativa digital, como definido por Souza (2013), de crítica musical para dispositivos *tablets*. A revista é dividida em duas partes: a primeira de leitura rápida, com textos informativos e organizada em seções. Na segunda, estão os conteúdos aprofundados. Para finalizar, uma seção com conteúdo audiovisual.

A **ContraPonto** não pretende encarar a crítica musical simplesmente como um subgênero do jornalismo opinativo que analisa, descreve ou adjetiva o objeto. Utilizar outros gêneros textuais (como reportagem, entrevista, infográfico etc.) pode ser útil para dar conta das diferentes vozes envolvidas no processo. Acreditamos que este é o caminho para produzir um conteúdo que vá “(...) além do objeto analisado, [e seja capaz] de usá-lo para uma leitura de algum aspecto da realidade, de ser ele mesmo, o crítico, um autor, um intérprete do mundo” (PIZA, 2009, p. 70).

3 JUSTIFICATIVA

O jornalismo cultural é uma especialização do jornalismo. Tavares (2009) adverte para três manifestações empíricas referentes ao jornalismo especializado: 1) os meios de comunicação (telejornalismo, radiojornalismo etc.); 2) os temas (jornalismo político, econômico, esportivo ou cultural, por exemplo); 3) a junção dos dois anteriores (telejornalismo político, radiojornalismo esportivo etc.). Neste momento, interessa a especialização em temas, independente do meio de publicação. Não se propõe pensar o jornalismo móvel cultural ou o jornalismo cultural móvel como especialização. As peculiaridades no tratamento da informação quando a pauta são as linguagens artísticas ou expressões culturais perpassam o

impresso, a televisão, o rádio, a web e os dispositivos móveis. Não há um tipo de jornalismo cultural em cada um desses meios, o que há são possibilidades e recursos adequados para serem explorados em cada um deles.

É a partir desse entendimento que se faz necessário apreender as particularidades do jornalismo cultural. Daniel Piza (2009) e José Salvador Faro (2006) convergem para a compreensão de que essa especialização jornalística tem a forte presença da opinião, análise e do comentário como principais especificidades. A crise no jornalismo cultural é em primeira instância o afastamento dessas peculiaridades. A partir da década de 1990, principalmente, redações de cultura adotaram práticas que as levaram à crise. Destacam-se a tentativa de aproximação com outras especializações utilizando a submissão ao cronograma de eventos para aproximar-se do *hard news*, que afasta a produção de discussões contextualizadas e aprofundadas e o deixa refém das assessorias de imprensa; o tamanho e a qualidade dos textos, que muitas vezes parecem releases; e a marginalização da crítica. (PIZA, 2009). É justamente esta última que justifica o norte do projeto.

Atrelar a crítica musical ao contexto social vincula-a também à noção de cena musical, pois esse conceito oferece meios para compreender a relação entre as práticas musicais e a identidade dos agrupamentos (FILHO; FERNANDES, 2006, p. 29).

Ela [a noção de cena] nos permite, pois, captar os momentos em que a sociabilidade a princípio subterrânea e sem objetivos, tal como um agrupamento num café, se adensa, criando identidades de grupo a partir de conversas e objetivos comuns; e sublinha a multiplicidade de atividades e a mobilidade de um grupo, cujo movimento, a partir de articulações transversais, promove um realinhamento das cartografias da cidade. (SÁ, 2011, p. 155).

A crítica musical tem papel fundamental nas cenas. Ela é um agente do processo de configuração delas e, muitas vezes, responsável pela nomeação, ou pelo menos por refletir sobre as diversas tentativas de defini-las.

Em geral, quando aparece alguma ebulição cultural em torno de expressões da música popular massiva de caráter distintivo, ela é logo nomeada pela crítica cultural, que procura mapear a existência destas cenas. Essa ideia pressupõe práticas de críticos e jornalistas culturais que não estariam restritos aos agendamentos forjados pelos grandes circuitos de shows ou pelos tradicionais lançamentos do que resta da grande indústria musical. Ao invés de intermediários culturais, os jornalistas que participam do processo de nomeação de novas cenas musicais seriam agentes responsáveis por materializar experiências singulares ligadas a práticas musicais que ainda não se caracterizariam pela capacidade de auto-reflexão. Assim, a presença das redes sociais teria um efeito viral sobre a existência das cenas musicais contemporâneas, mostrando que ao invés do fim das rotulações estaríamos na época dos excessos de etiquetagem. Antes de decretar o fim do jornalismo cultural, os excessos de circulação de bens acabaram por ampliar a necessidade da existência de mediadores críticos, responsáveis por filtrar (ou refletir) a enxurrada produtiva que marca a cultura contemporânea. (JANOTTI JR., 2011, p. 3).

Mais uma vez, mostra-se a necessidade de superar as práticas que afastam o jornalismo cultural das suas peculiaridades. Estar atento às movimentações das práticas musicais pela cidade, identificar onde se formam cenas, como elas têm se reconfigurado etc., são algumas das ações que podem ajudar a reaproximar as redações de cultura das peculiaridades da especialização.

A escolha por revista para buscar dar conta das intenções apresentadas se deve às características desse formato. Marília Scalzo (2008) aponta como elementos que diferenciam as revistas de outros meios a relação de proximidade com o leitor, a periodicidade e a segmentação de público. Tatiana Dourado (2013), que também discute as características da revista, também trabalha com a noção de periodicidade, mas, por sua vez, prefere a ideia de especialização à segmentação. Entre as características que as autoras assinalam, as citadas são as que melhor servem a este projeto, pois propor a confecção de uma revista nos dá a possibilidade de um intervalo mais longo entre as edições, o que permite um trabalho mais detalhado e a busca por uma apuração, que vá além do clássico lead. É também esse formato que melhor comporta um recorte temático (música) e geográfico (Salvador) por ter a segmentação ou especialização como elemento estruturante.

Contudo, a proposta não é a de produzir uma revista tradicional, mas sim uma revista nativa digital para *tablets*, com definido Marcelo Souza (2013). A escolha coloca o desafio de acoplar características das revista à do webjornalismo (DOURADO, 2013; NATAN-SOHN, CUNHA, 2012; SOUZA, 2013) com elementos do jornalismo móvel. Justamente a possibilidade de unir multimídia e mobilidade em um dispositivo “adequado para narrativas mais longas” (BARBOSA, 2013 p. 45) é a motivação para escolha do *tablet* como meio para a publicação do produto, em detrimento da web e dos smartphones. A apresentação de áudios e vídeos, junto com os textos e as fotos, contribui para a construção do discurso da crítica musical. Essa possibilidade “evidenciada uma mudança fundamental, onde pela primeira vez uma crítica pode ser lida ao mesmo tempo em que se ouve música (ou assiste-se ao clipe, um trecho de show etc.) em um mesmo suporte” (NOGUEIRA, 2013, p. 65).

A opção pelo dispositivo *tablet* coloca como necessidade “a exploração também das potencialidades destes aparatos, como a tela tátil, giroscópio, acelerômetro e sensor de localização”. (SOUZA, 2013, p. 115). Palacios e Cunha (2014; 2012) adicionam a característica da taticidade (capacidade de comandar as funções dos dispositivos móveis pelo toque na tela) como propriedade do jornalismo produzido para esse meio.

Suzana Barbosa (2013) apresenta como vantagem do tablet em relação aos smartphones ou à web a capacidade de “capturar a atenção dos consumidores/leitores/usuários por período mais longo de tempo [...]; para se assistir a vídeos e visualizar galerias de fotos” (BARBOSA, 2013, p. 45). Todas essas características corroboram com a escolha do tablet como dispositivo ideal para a apresentação do conteúdo proposto pela **ContraPonto**.

A portabilidade ou mobilidade do *tablet* também é uma propriedade a ser explorada. Depois da digitalização e da web, a notícia passa a ser consumida em aparelhos com pouca ou nenhuma mobilidade. Os dispositivos móveis representam um encontro da cultura digital e do jornalismo em suporte digital com a mobilidade (PELLANDA; NUNES, 2012). Dessa forma, é possível pensar um produto para momentos de locomoção e compartilhado facilmente em ocasiões sociais.

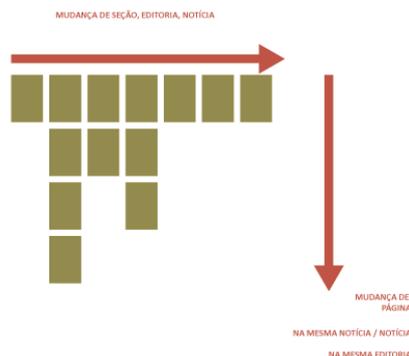
4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A forma de estruturar os conteúdos de publicações jornalísticas em dispositivo *tablet* permite utilizar o que Vivian Oliveira e Rita Paulino (2013) chamam de dupla orientação, ou seja, utilizar o dispositivo tanto na horizontal como na vertical.

As publicações digitais jornalísticas podem se valer desta característica de diferentes formas: (1) utilizando o mesmo conteúdo nas duas orientações, isto é, apenas adaptando o layout das páginas; (2) utilizando conteúdos complementares entre as orientações; (3) utilizando conteúdos diferentes entre as orientações; (4) utilizando apenas a orientação horizontal; ou (5) utilizando apenas a orientação vertical. (OLIVEIRA, PAULINO; 2013; p. 10).

Na **ContraPonto**, a opção para explorar este recurso é um misto entre a primeira e a segunda forma. Elas ainda descrevem a leitura em “T” (Figura 1), que consiste em avançar dentro da mesma seção ou matéria passando as telas na vertical, enquanto que na horizontal muda-se de seção ou matéria para outra (OLIVEIRA, PAULINO; 2013; p. 10 e 11).

Figura 1 – Leitura em T



Fonte: OLIVEIRA, PAULINO; 2013; p. 11.

A diagramação da revista foi feita no software *Adobe InDesign* versão *Creative Cloud 2014*. Esse programa possibilitou a inserção de recursos de interatividade e taticidade sem a necessidade de conhecimento de informática ou sistemas de informação. Assim, foi possível explorar algumas das propriedades do dispositivo mesmo sem dominar nenhum tipo de linguagem de programação. Além do *InDesign*, utilizei o *Adobe Photoshop*, para edição de fotos e imagens em mapa de bits, e *Illustrator*, para edição das imagens vetoriais.

A edição zero ou piloto da **ContraPonto** tem 12 telas horizontais. A partir da capa e do sumário pode-se ter acesso a todas as seções e matérias com recursos de *hiperlink*. O número de telas verticais varia de acordo com cada parte. A usabilidade das revistas para *tablets* ainda é um desafio, pois há interações que não foram naturalizadas pelo leitor. Dessa forma, faz-se necessário utilizar um manual para instruir o leitor das interações com o dispositivo que desencadeiam ações no sistema (OLIVEIRA, PAULINO; 2013; p. 09).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A **ContraPonto**, como dito anteriormente, busca trabalhar com as peculiaridades do jornalismo cultural dentro de um ambiente multimídia. Para isso, é necessário haver espaço para o desenvolvimento dos argumentos que baseiam a opinião, análises e comentários. Contudo, trabalhar com jornalismo móvel, mesmo que em um dispositivo adaptado para leituras longas, requer um espaço para conteúdos curtos, de leitura rápida, pensando em momentos de deslocamento. Faz parte da intenção do projeto ser o acompanhante do leitor no trânsito.

Dessa forma, dividiu-se a revista em duas partes. A primeira informativa, de leitura rápida, dinâmica e segmentada em três seções:

- *Quem vem*: destaca eventos, segundo critérios de curadoria da revista, que acontecerão no mês de publicação da edição e terão bandas de outros estados como atrações;
- *Quem faz*: destaca eventos, ainda segundo curadoria da revista, que acontecerão no mês de publicação da edição, mas que só terão bandas locais nas atrações;
- *Staccato*: seção noticiosa sobre as cenas musicais de Salvador. A ideia é pautar os processos de produção de projetos, quem está gravando ou preparando algum trabalho novo. Não necessariamente músicos, mas também produtores, agentes ou gestores culturais. A produção de videoclipe também é pauta para a seção. O nome escolhido é uma referência a uma técnica musical que consiste em fazer uma nota soar por muito pouco tempo.

Já na segunda parte aparecem os conteúdos com produções mais aprofundadas e de maior caráter interpretativo, opinativo e analítico. A opção por não criar editorias para subdividir esta parte tem como objetivo garantir maior liberdade à proposição das pautas. A ideia é não criar caminhos a serem seguidos em todas as edições da **ContraPonto**.

Contudo, faz-se necessária uma coerência para os conteúdos apresentados na segunda parte da revista. Por isso, optei por definir um assunto que guie a edição e, a partir dele surjam pautas. Para a edição zero ou piloto que descrevo aqui, o tema escolhido foi territórios sonoros, que está diretamente ligada à ideia de cenas musicais. O objetivo é mostrar como diferentes grupos se relacionam com a cultura característica da cidade.

A pauta principal da segunda parte da revista teve como tema o posicionamento da banda soteropolitana BaianaSystem em relação ao próprio público e a outros artistas. O ponto de partida da reportagem é a explosão de público do grupo, evidenciado no Carnaval de 2015, e os impactos disso na cena alternativa de Salvador. Para isso, a reportagem trata da trajetória do grupo, evidencia as múltiplas referências e mostra como se dá a relação com outros artistas.

Para isso, as fontes para a matéria foram a própria banda, representada pelo guitarrista Roberto Barreto, o cantor Russo Passapusso e Filipe Cartaxo, responsável pela identidade visual. Também foram fontes os cantores Lucas Sattana e Lazzo, além da cantora Márcia Castro. Todos já tocaram com o grupo. Ainda há falas do público da banda.

Outra matéria foi sobre as políticas públicas para música em Salvador, que aborda o significado das políticas públicas para a música em Salvador, a partir da compreensão de artistas e produtores, das diferenças entre o que são as festas com apresentações musicais e as políticas públicas para essa linguagem artística. A ocupação dos espaços públicos, as casas de shows e o financiamento através de editais também são discutidos. Assim, a reportagem apresenta o atual cenário dessas ações envolvendo as instâncias do poder público e aponta caminhos para qualificar as iniciativas para a música na cidade. As fontes são Luciano Mattos (jornalista e produtor), Rogério Big Bross (produtor), Messias Bandeira (pesquisador, artista e produtor) e Ivan Huol (produtor e artista).

Também pautei os resultados da aproximação da Orquestra Sinfônica da Bahia (Osba) com o público não característico da música de concerto. A reportagem discute o lugar dessa música cultura da cidade. As fontes ouvidas foram Carlos Prazeres (regente e diretor artístico da Osba), Antônio Carlos (flautista da Osba desde o final da década de 1980) e Maria de Fátima Moraes (responsável pelas ações de Formação de Plateia da Osba).

Outro tema tratado, desta vez em uma entrevista estilo ping-pong com o DJ Riffs de Salvador, foi a cena de música eletrônica em Salvador. A proposta é ter um agente da cena de música eletrônica expondo a própria visão sobre o cenário. A partir de questões internas da cena, como a legitimidade de certas práticas na música eletrônica, DJ Riffs reflete sobre a situação deste cenário. Além disso, questões como a cultura do DJ e caminhos para a música eletrônica de Salvador são tratadas na entrevista.

Para fechar a **ContraPonto**, optei por mais uma seção, a *ContraCapa*. O nome é um trocadilho entre o nome da revista e a denominação da última página nas revistas impressas, geralmente dedicada a anúncios, e que remete ao fim da edição. É uma seção de conteúdo audiovisual de produção própria e/ou exclusiva. O tema do vídeo deve estar alinhado ao assunto que guia a edição. Inicialmente, a duração estabelecida é entre cinco e dez minutos. Além disso, deve haver um breve texto de apresentação do vídeo explicando o que o leitor vai assistir e a duração. A ideia é que, sabendo do que se trata aquele conteúdo, o leitor possa fazer uma escolha consciente por assistir.

Para a edição zero ou piloto, a proposta foi trazer uma vídeo-reportagem que discuta a relação da Orkestra Rumpilezz, Orquestra Afrosinfônia e Sanbone Pagode Orquestra com as culturas de terreiros de Candomblé e periferias de Salvador. Os depoimentos são de Letieres Leite (fundador e regente da Rumpilezz), Gabi Guedes (percussionista da Rumpilezz), Ubiratan Marques (fundador e maestro da Afrosinfônica), Hugo Sanbone (fundador e regente da Sanbone Pagode Orquestra e trombonista da Rumpilezz). Além deles, falam como fonte especialista Goli Guerreiro (antropóloga e pesquisadora da cultura africana e afro-brasileira) e Ivan Bastos (professor da de Música da UFBA).

A linguagem utilizada nos textos deve ser objetiva e clara, mas com espaço para registros de oralidade e despojamentos. A ideia é permitir que mesmo textos de conteúdo denso tenham fluidez na leitura. A plataforma utilizada para elaboração da revista permite utilizar um número ilimitado de telas (equivalente às páginas do impresso) e o efeito conhecido como *parallax*, que consiste em esconder uma parte do conteúdo sendo necessário deslizar o dedo na tela para lê-lo. Dessa forma, é possível não restringir o número de caracteres ou telas das pautas, que podem ser exploradas até o limite das próprias possibilidades. O que se espera é que os conteúdos informativos das seções *Quem vem*, *Quem faz* e *Staccato* se encerrem mais brevemente, com notas ou notícias, do que os conteúdos aprofundados da segunda parte, que podem ser apresentados nos diversos gêneros e subgêneros jornalísticos e conter *boxes* com informações complementares.

Para garantir o tempo de produção necessário para o aprofundamento das pautas apresentadas na segunda metade da publicação, a **ContraPonto** tem a proposta de ser uma revista mensal. O público-alvo é segmentado, principalmente os(as) frequentadores(as) de apresentações de música ao vivo em Salvador de todas as cenas.

6 CONSIDERAÇÕES

Conseguir aliar a empolgação com os suportes digitais móveis ao jornalismo cultural foi a parte mais gratificante deste projeto. Do mesmo jeito que é fora das consagradas empresas de jornalismo que surge a renovação dessa especialização na web, acredito que deverá ser independente delas a produção de aplicativos que buscam pensar a cultura além dos eventos que acontecem na cidade. Noticiá-los é importante, mas a vida cultural de uma cidade necessita de uma participação mais enfática da imprensa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e *continuum* multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã: LabCom, 2013, p. 33-54. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/94>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. **Revistas em formatos digitais: modelos e novas práticas jornalísticas**. 158 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. **Comunicação & Sociedade**, v. 28, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/EVjNk7>. Acesso em: 30 nov. 2014.

_____. Território em transformação – jornalismo cultural: uma reflexão sobre sua importância e seus desafios. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, 2012. Edição Especial – Jornalismo cultural. Disponível em: <http://goo.gl/WYOOOfq>. Acesso: 21 abr. 2015

FILHO, João Freire; FERNANDES, Fernanda Marques. Jovens, Espaço Urbano e Identidade: reflexões sobre o conceito de Cena Musical. In: FILHO, João Freire; JUNIOR, Jeder Janotti (Org.). **Comunicação & Música Popular Massiva**. Salvador: Edufba, 2006.

JANOTTI JR., Jeder. **Os Cantos das Cidades: cenas musicais e mediatização na era dos downloads**. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. [Anais...]

NATANSOHN, Graciela; CUNHA, Rodrigo. O jornalismo de revista no cenário da mobilidade. **Revista Prisma.com**, v. 12, nov. 2010. Disponível em: <http://goo.gl/yjfYZN>. Acesso em: 28 jul. 2013.

NOGUEIRA, Bruno. **“Go With the Flow”**: A nova crítica musical a partir do fluxo fragmentado de mensagens nos sites de redes sociais. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

OLIVEIRA, Vivian; PAULINO, Rita. Construção e estrutura da notícia nas interfaces dos *tablets*. **E-COM** (Belo Horizonte), v. 6, p. 1-15, 2013.

PALACIOS, Marcos; CUNHA, Rodrigo. A taticidade como dimensão operacional nos dispositivos móveis: algumas aplicações ao Jornalismo. In: PELLANDA, Eduardo Campos; BARBOSA, Suzana (orgs.). **Jornalismo e mídias móveis no contexto da convergência**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. (e-book). p. 100-131.

_____. A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias. **Contemporânea** (UFBA), v. 10, p. 668-685, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/emZjY7>. Acesso em: 13 set. 2014.

PELLANDA, Eduardo; NUNES, Ana. A linguagem própria dos *tablets* para o jornalismo digital: estudo de caso do *The Daily*. In: Anais do **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (Intercom). Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/M8LdLG>. Acesso em: 18 set. 2014.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2009

SÁ, Simone Pereira de. Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade. In: GOMES, Itania Maria Mota; JANOTTI JR., Jeder. **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador: Edufba, 2011. p. 147-161

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, Marcelo Freire Pereira de. **Revistas Jornalísticas para Tablet**: Uma análise comparativa entre os modelos convergente e nativo digital. 2013. 276 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2013.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. In: **Estudos em Comunicação**, maio 2009. Disponível em: <http://goo.gl/9R16jq>. Acesso em: 27 nov. 2012.